

# JORGE LISTOPAD

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

JULHO 2003

Nasceu em Praga, veio para Portugal na década de cinquenta. Aprendeu português a ler *O Crime do Padre Amaro*. Jorge Listopad, encenador, doutorado em filosofia; também professor e escritor. Esteve ligado 32 anos à RTP. Prestigiados prémios já lhe distinguiram trabalhos de teatro e literatura. É o segundo encenador mais velho da Europa. Continua a fazer teatro com amor e às vezes com raiva. Autor de contos, poesia e romance. Diz ser um homem feliz, mas... «não o digo a ninguém porque os deuses são ciumentos.»

### **Escolheu o seu destino?**

Se destino é um barco, esse barco foi-me dado desde o nascimento. Tento orientá-lo.

### **Um barco para deixar a Checoslováquia, onde nasceu, ou terá sido um barco do amor?**

No barco encaixa-se tudo o que sou. Tenho lá reservas e conservas. A minha saída da Checoslováquia estava escrita no meu nascimento. Ainda em pequeno, senti que isso iria acontecer. Uma cigana disse-me: «Vai morrer longe daqui». Julgo que morrerei em Portugal.

### **Um homem pode viver sem pátria?**

Tenho várias pátrias que se ligam à palavra, à criação poética, ao teatro, à beleza. A minha pátria é essa, a de todas as línguas e a de todas as imagens capazes de dizer e de encenar de maneira diferente a beleza da vida e das coisas.

### **Acabamos por ser o labirinto que descobriu em Córdoba, num dos seus mais belos contos?**

Em todo o caso, nesse labirinto ainda se procura alguma coisa. Depois dessa busca, temos de reconhecer a nossa efemeridade.

### **Por que escreve poesia (quase) só em língua checa?**

A poesia é como o leite materno. Está muito ligada à origem dos sentidos, aos primeiros aromas. O que há de mais profundo em mim vive nessa pele.

### **Faça-nos um verso em português:**

*Criar um verso português / agora / a seu pedido / tornar-me definitivo / talvez amanhã.*

## **Escrevendo tão bem português por que não consegue abandonar o sotaque estrangeiro?**

A boca já estava feita. Fala e escrita são duas coisas distintas. A língua portuguesa é fabulosa para a escrita. Mas não única. A checa é musicalmente diferente, porém muito rica, generosa.

## **Gostaria de ver a sua terra natal de novo unificada?**

Muito.

## **Seria importante para a Europa?**

A Europa será cada vez mais de nações, feita de pequenos pedaços, de pequenas regiões, de pequenas autonomias.

## **Nações cada vez com mais migrantes?**

Uma situação que acabará por estabilizar. Daqui a trinta ou quarenta anos, o fenómeno da migração normaliza. O mundo será um caminhar de um lado para o outro mas não como migrante. Essa palavra vai cair em desuso.

## **E a palavra refugiado?**

Oxalá caia também em desuso rapidamente. Migrante, emigrante já não é bom, refugiado ainda pior, já fui.

## **Agora é o quê?**

Nada. Nesse aspeto, seria bom que toda a gente pudesse ser nada. Só andarilho. Não ter medo do espaço. Não ser obrigado a morrer na mesma casa onde nasceu, na mesma cama, com a mesma gente.

## **Vive entre nada e Deus?**

Exatamente. Uma destas noites senti-me muito mal e pensei: vou morrer. Fiz uma espécie de testamento espiritual: nem céu, nem morte.

**Acaba de ser lançado o livro *Fruta Tocada por Falta de Jardineiro*, com o qual começa a ser reunida a sua obra literária em português. Que sente?**

Nunca me passou pela cabeça ter obras completas. Foi ideia de outros.

**São memórias de sempre. A memória não é importante?**

Não atingi essa importância.

**Está a ser demasiado modesto...**

Sou um homem modesto.

**Um santo?**

Não um modesto-santo. Tenho os meus desvios.

**Filósofo que também é, crê que um filósofo acaba por ser «um fiscal da natureza humana»?**

Deve procurar criar serenidade na água perturbada pelas pedras que vão caindo. Aprender todos os elementos de modo a passá-los pelo crivo do conhecimento, não digo sabedoria... Temo, contudo, que a filosofia possa codificar de mais a sua maternidade: a de ser mãe de todo o pensamento. A filosofia nunca está acabada, deverá perdurar como metodologia para se irem procurando pistas.

**Começam a notar-se contrapontos aos excessos materialistas?**

Procura-se uma nova voz. Estamos praticamente esmagados pela tecnologia, no entanto, acredito que a própria tecnologia vai libertar-

se, fugir de si própria e criará uma nova espiritualidade. Não poderá esmagar um barco que nos foi dado pela natureza e inteligência, que está em nós, é o nosso espírito, o nosso corpo, a nossa cabeça, os nossos joelhos. Os gregos pensavam que os joelhos eram o mais importante do corpo, sabia?

**Prende-se, de certo modo, com a simbologia mística do ato de ajoelhar?**

Tem que ver com uma sensação de humildade diante de alguma coisa que não compreendemos.

***Se a terra é pagã e virgem de consciência (como diz no seu romanetto Tristão, terá a terra os homens que merece?***

Às vezes não sabemos ser felizes. Fazemos parte dessa terra pagã e não nos apercebemos de que estamos sempre perto da morte. Devemos valorizar o facto de estarmos vivos. O que digo é banal mas há banalidades importantes. É preciso não ter medo de repousar um momento para refletirmos sobre pequenas banalidades.

**É o segundo encenador mais velho da Europa. Tem feito coisas de mais?**

Trabalho de mais porque tenho paixão a mais. Não estou sozinho. Portugal tem gente com nervo a fazer muita coisa bem e muito mais do que eu.

**Para Diderot, «a impassibilidade absoluta devia ser a marca do grande ator». E a do encenador?**

Um encenador tem de fazer contas e organizar espaço. Atua nesse espaço e o público está lá. Alguém precisa de pensar na unidade cena-público, ator-público. Há nisto também poesia, porém se não se fizer com inspiração poética será uma coisa fria.

## **Híbrida?**

Híbrida é diferente, tem que ver com um terreno movediço, que é bom porque pode tomar-se conta desse terreno híbrido e, a partir daí, fazer crescer uma estátua.

## **A área em que melhor se sente é a da encenação?**

Realizo as coisas com amor e às vezes com raiva. Enquanto a escrita é feita de solidão para solidão, o teatro faz-se com muita gente para muita gente.

## **Gosta do aplauso imediato?**

Fizemos na Casa da Comédia a peça *O Fim*, de António Patrício, de que muita gente se lembra. O espetáculo era tão forte que, no final, todos ficavam em silêncio. Recordo-me do então diretor da Casa da Comédia, Osório Castro, perguntar: *Será que gostaram?, não aplaudiram...* Disse-lhe: *É como na missa.*

## **A alegria profunda reside no grande silêncio?**

Para mim, o melhor livro de Vergílio Ferreira chama-se *Alegria Breve*. Eu queria alegria sem mais adjetivos. Pode ser o silêncio.

## **Algum trabalho cénico em que tenha fracassado?**

*Sequestrados de Altona*, de Sartre, no S. Luís. Subestimei a dificuldade do texto. Fiz, depois, do mesmo autor, *Huis Clos (A Porta Fechada)* e deu bem.

## **Gosta de fazer teatro em não-teatros porquê?**

Um gosto por espaços-surpresa que obriguem a refletir sobre a organização do próprio espaço. Nos teatros convencionais há um passado que pode ser perturbador. Sonho levar o teatro ao elevador do Lavra.

## **Então, porque defende que não se deve ter medo das velhas lendas?**

Uma tendência anarquizante. Sou anarquista, lírico, cético e sorridente. Filho da utopia, de certo modo. Não tenho afinidades com Estaline. Tenho algumas com o seu inimigo: Trotsky.

## **Já escreveu para crianças e sobre a velhice. Os extremos criam pontes?**

É a necessidade de dissolver os limites e de ver se atrás dos limites há outros limites.

## **Consegue aliar a ordem e o caos?**

Ordem e caos são filhos do mesmo pai e mãe. Sou muito ordenado e muito desordenado. Entre essas duas coisas procuro um sistema superior que existe no mundo, todavia não sabemos qual é. Suspeitamos. Somos espiões desse sistema, na medida em que somos cultores do oculto. Preferia não ser cultor. Temos de saber brincar também com isso. Criar dúvidas sobre a nossa noção de inteligência, saber troçar de nós próprios.

## **Continua a usar um medalhão ao peito. Talismã?**

Uma pedra ónix. Às vezes esqueço-me de a pôr e, se não estiver longe de casa, volto atrás buscá-la.

## **E o lenço que traz sempre ao pescoço, um toque dadaísta?**

Nada a ver com arte ou literário. Faz parte da minha identidade física.

## **Tem na sua casa muitos elementos relacionados com a terra: uma árvore, pinhas, conchas...**

Eu sou Jorge, que significa homem da terra. Terra do grande Cosmos.

**Foi distinguido, entre outros, com o Prémio Europeu de Kafka.  
Um significado especial?**

Recebi a notícia pelo correio. Conheço família de Kafka. A sua amada, Milena, morreu no colo da minha segunda madrasta, num campo de concentração, e a minha primeira madrasta foi amiga de Milena. Kafka escreveu parte do *Processo* numa casa de Praga comprada por um tio meu de quem eu e outros familiares somos herdeiros. Mas literariamente prefiro Guimarães Rosa, um dos maiores do século XX.

**O amor é um movimento constante na sua vida?**

Sim.

**De que mais precisa um homem?**

Sou um homem feliz mas não o digo a ninguém porque os deuses são ciumentos.

© MARIA AUGUSTA SILVA